

IMPRESSO

CPMTRATP M° 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T **DF** R • A • S

Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Ano II - Nº 17 a 20

Suplemento Cultural  
1995



**CORA**

Já faz dez anos...

# O bel canto do Carnaval

■ Renato Vivacqua

*Renato Vivacqua mora em Brasília e tem se dedicado nos últimos anos à pesquisa da Música Popular Brasileira. Colaborador dos mais assíduos do DF-LETRAS, Vivacqua aproveitou a belíssima apresentação popular da ópera Aída, de Verdi, realizada aqui em Brasília, em agosto passado, para nos mostrar a influência da bel canto na MPB.*

**B**rasília foi presentada no início de agosto com um evento inesquecível: a representação no Estádio Mané Garrincha da Ópera Aída, possibilitando o acesso de entusiástico público. É uma forma de arte a qual os brasileiros não são muito afeitos por dois motivos principais: o cultural (pouco interesse das autoridades em popularizá-la) e a economia (são espetáculos caros, requerendo grandes montagens).

As operetas tiveram melhor sorte, divulgadas que foram pelo cinema. O curioso é que mesmo sem a proximidade com o grande público, as óperas fascinaram os compositores da MPB, principalmente os carnavalescos, que não se vexavam, na maioria das vezes

em surrupiar-lhes trechos. A citada Aída teve sua Marcha Triunfal trombeteada nos salões momescos. Fiz uma pequena pesquisa para mostrar mais essa faceta criativa dos artífices de nosso cancioneiro. "O Guarani", de Carlos Gomes, por razões ufanísticas foi das mais badaladas. Em 1937, Príncipe Pretinho compôs "Ceci e Peri".

*Ceci beijou Peri  
Peri também beijou Ceci  
Ao som da sinfonia matutina  
Que deu margem ao Guarani  
Daí Ceci, nunca mais deixou Peri (bis)*

*Peri olhou Ceci  
Ceci olhou Peri  
E o sabiá gorgoeou  
No dia em que Ceci beijou  
Um bem-te-vi também cantou.*

*Peterpã foi também explícito quanto ao modelo inspirador:*

*Eu fiz esta canção  
Mas pra que eu vou mentir  
Não tive inspiração  
E roubei "O Guarani".  
Roubei, roubei  
E se vai haver encrenca*



*Isso agora é que eu não sei.*

Em 1949 os índios eram, como mostra Antônio Almeida e Alberto Ribeiro, muito menos deslumbrados com os cara-pálidas:

*Lá na minha tribo  
É bem melhor do que aqui  
Vivo cantando "O Guarani"  
Tra lá, lá, lá, lá  
Pra viver assim de tanga  
Eu vivo lá.*

O verde - amarelismo faz milagre. Apesar de ter sido composta na Itália, nossa ópera maior teve seu nascimento transferido para o solo pátrio por João Correa, Walter Campos e Julio Zanonano:

*Madrugada chegou, ô, ô  
Trouxe a melodia  
Vamos cantar "O Guarani".  
Ao romper do dia  
Sob o céu de anil  
Nasceu o Guarani do meu Brasil  
Lá, lá, lá, lararará.*

Vale a pena transcrever um sambanredo que ficou inédito, pela chancela que traz de Silas de Oliveira. "Ceci e Peri", do grande compositor com João Fabrício:

Procuramos homenagear  
A José de Alencar  
Recordamos seu passado de escritor  
De lindas obras foi autor  
Exaltamos "O Guarani"  
Que inspirado pelo amor de Peri  
Pela fidalga Ceci  
Lá, lá, lá, rá, rá, rá (solfejo do Guarani)  
E assim Carlos Gomes  
Bravo maestro  
Musicou "O Guarani"  
Homenageando o derrotado Peri  
Tendo lutado com a onça enfurecida  
Ofertou seu amor, em risco a própria vida  
Amor que nasceu sem vaidade  
Que seria levado pela tempestade.

"Madame Butterfly" de Puccini foi o maior fracasso quando lançado em 1904, mas depois deslanchou e se tornou uma das óperas mais populares. A história da infeliz gueixa que se apaixona pelo oficial americano, é desprezada pela família preconceituosa, abandonada pelo amado, acabando por suicidar-se, emociona. Carlos Morais, Luiz de Carvalho e José Utrine aproveitam o tema meio na base do humor negro: Coitada da Madame Butterfly Ficou com menino Esperando pelo pai Amor no Japão Não é como aqui Quando há decepção Tem que fazer o haraquiri.

Como o carnaval não tem compromisso com nada, Ricardo Galeno e Jair



ANA CAÇADOR

Amorim partem para o non-sense em "Madame Butterfly":

*Eu quero encontrar  
A tal Madame Butterfly  
Ela é filha de um samurai  
E me chama de papai  
Em Paquetá não está  
Na Lapa fiquei na mão  
Lá em Caxias  
Me desculpe eu não vou não  
Já fui a Tôquio e Pequim  
Shangai é longe que dói  
Só falta procurar em Niterói.*

"A Traviata" de Verdi foi pinçada por Carlos Morais. Eis a Dama das Camé-

lias se esvaindo tísica no carnaval de 1965:

*A Traviata, a Traviata  
Tão passional, não teve paz  
Amor demais  
Morreu no carnaval.  
Foi a Dama das Camélias  
Lida e relida  
Em outra versão  
Em outra versão  
Mas Violeta ou Margarida  
Ela foi uma mulher de coração.*

Carlos Morais que está em todas lançou em 1966 a "Marcha da Tosca", aquela que esfaqueia o Chefe de Polícia e depois se suicida:

*Eu fui ao Municipal  
Ver a Tosca em vespéral  
No final do segundo ato  
Houve um assassinato (Ai!)  
Depois de tanta confusão  
Puseram o tenor no paredão  
lá, lá, lá, rá, rá.*

O larará era sempre a apropriação de um trechinho. Uma versão cômica do "Rigoletto" foi feita com muita criatividade por Klécio Caldas e Brazinha no mesmo ano:

*Oh Rigoletto! Oh Rigoletto!  
O Duque bagunçou o seu coreto  
O Rigoletto arranjava  
Brotinhos para o Duque namorar  
O Duque cheio de truque  
Dizia que era pra casar  
A filha do Rigoletto  
Na conversa acreditou  
Blá, blá, blá  
O Rigoletto bobeou.*

Lamartine Babo em 1934 misturou o "Vesti la giuba" com personagens da "Commedia dell'arte", que Leoncavallo, garanto, assinaria sem relutar.



ANA CAÇADOR

*Ridi Palhaço (gargalhadas)*  
*Eu sou o teu pierrô*  
*Colombina, colombina.*  
*Reparte esse amor*  
*Metade pra mim*  
*Metade pra teu arlequim.*

Muitos consideram "O Barbeiro de Sevilha" a obra-prima da ópera bufa, apesar de ter sido elaborada em apenas quinze dias e Rossini ter sido compelido a fazê-la na marra. O trecho que os autores carnavalescos gostam de pedir emprestado é o "Largo ao Factotum", do primeiro ato, o tal do "figaro". "O Barbeiro que se vire" é uma paródia de Carlos Morais e Mário Miranda:

*Ai, o barbeiro que se vire*  
*Vai ter que mudar de profissão*  
*Só tem barbudo e cabeludo*  
*Barbeador a prestação.*

*Fígaro cá, fígaro lá*  
*Cadeira vazia*  
*Freguês? Já não há.*  
*Lá, lá, lá, lá, lá*  
*Esta situação*  
*É a falência do salão.*

O protesto é contra a geração de hirsutos, que como desculpa de filosofarem so-



bre a paz e o amor corriam às léguas do chuveiro e do barbeiro. De novo o talentoso Klécio Caldas com seu parceiro predileto, Armando Cavalcanti, em "Fígaro cá, fígaro lá":

*Ai, ai, que dor no fígado.*  
*Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá, lá.*  
*Não bebo nada, nada, nada*  
*O ano inteiro*  
*Mas nos três dias bebo todo o meu dinheiro.*

*Não quero saber se faz bem*  
*Não quero saber se faz mal*  
*Sem chope não sinto alegria*  
*Fígado cá, fígado lá*  
*Traga-me um chope de qualità.*

"A Turandot" de Nelson Trigueiro e Altamiro Cruz surge nos festejos de 73 cantando um trocadilho infame:  
 Tu não tens coração  
 nunca soubeste amar

*A vida vai continuando*  
*E eu sempre "te aturando".*

Ary Barroso, baseando-se na romanza do segundo ato do "Elixir do Amor" de Donizetti, compôs em 1936 "Una Furtiva Lágrima", grande sucesso na voz de Francisco

*Alves:*  
*Una furtiva lágrima*  
*Rolou dos olhos da mo-  
 rena*  
*Que mais amei*  
*Eu também na hora da*  
*partida*  
*Chorar, chorei.*

*Se não fosse o meu com-  
 panheiro*  
*O meu violão seresteiro*  
*Eu juro que não saberia*  
*Suportar a solidão*

*Em que vivo noite e dia.*

O mesmo Ary com o pequeno mural operístico "Vão pro Scala de Milão", retorna ao tema:

*Eu moro numa rua lá de Cascadura*  
*Meu Deus do céu que rua barulhenta*  
*Ninguém mais atura, que escarcéu*  
*O moço do quarenta está aprendendo canto*  
*Por isso que faz força e esganiça tanto*  
*Lá, lá, lá, lá, lá (área do Toreador)*  
*Que moço impertinente, não tem dó da gente.*

*Vão pro Scala de Milão*  
*Não faça assim comigo não*  
*Eu não posso mais.*

*Também minha vizinha que é da cantoria*  
*Que coisa horrível, não pára um minutinho*  
*Estuda noite e dia*  
*Parece incrível*  
*Enquanto o tal vizinho o gorgomilo enros-  
 ca*  
*O moço do 40 vai matando a Tosca.*

*Que moço impertinente...*

*Se o pobre do Rossini*  
*Então ressuscitasse e escutasse*  
*Aquela cavaquina que anda o mundo inteiro*  
*Do seu Barbeiro*  
*Cantado pelo moço lá de Cascadura*  
*Voltava mais depressa para a sepultura*  
*Fígaro cá ficado lá...*  
*Que moço impertinente...*  
*Espero que nenhum vizinho impertinente*  
*após ler este artigo se anime a esgoelar*  
*algum trecho de ópera no apartamento ao*  
*lado do seu.*

■ Renato Vivacqua, escritor

